



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**MARIA SANTANA DE SOUSA**

**UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A SEXUALIDADE: A EDUCAÇÃO  
DOMESTICA X EDUCAÇÃO ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE DOS ADOLECENTES.**

CAMPINA GRANDE – PB  
2015

**MARIA SANTANA DE SOUSA**

**UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A SEXUALIDADE:  
A EDUCAÇÃO DOMESTICA X EDUCAÇÃO ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE DOS ADOLECENTES.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. Hipólito de Sousa Lucena

CAMPINA GRANDE – PB  
2015

S725a Sousa, Maria Santana de  
Uma análise crítica sobre a sexualidade [manuscrito] : a  
educação doméstica x educação escolar na construção da  
identidade dos adolescentes / Maria Santana de Sousa. - 2015.  
32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação:  
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade  
Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e  
Educação à Distância, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Hipólito de Sousa Lucena, PROEAD".

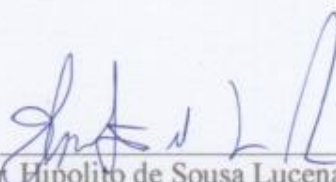
1.Sexualidade. 2.Prática educativa. 3.Diálogo. I. Título.  
21. ed. CDD 306.7

MARIA SANTANA DE SOUSA

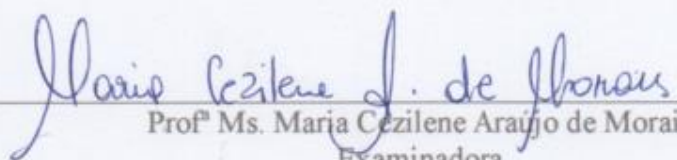
**UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A SEXUALIDADE: A  
EDUCAÇÃO DOMESTICA X EDUCAÇÃO ESCOLAR NA  
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ADOLESCENTES.**

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 28/02/2015



Prof. Dr. Hipolito de Sousa Lucena  
Orientador



Profª Ms. Maria Cezilene Araújo de Moraes  
Examinadora



Profª Ms. Rochane Villarim de Almeida  
Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

**A Deus,**

Por conceder-me mais essa graça alcançada.

**A minha mãe,**

Por ensinar-me o caminho da escola através de seus exemplos.

**As minhas filhas Milene e Ana Paula por**

**Ao meu esposo,**

Por estar sempre comigo.

**Ao meu orientador, Professor. Dr. Hipolito de Sousa Lucena,**

Por confiar na minha humilde capacidade.

Enfim, a todos, que de alguma forma contribuíram para a realização desse sonho.

## RESUMO

A sexualidade desenvolve-se de diferentes maneiras em cada indivíduo. Dependendo das relações estabelecidas e da maturidade que temos, ela poderá ser compreendida como mais uma etapa da vida, ou até mesmo como algo “errado”, muitas vezes não sendo mencionada. Falar sobre sexualidade ou algo referente ao desenvolvimento sexual com os pais é muito difícil e constrangedor, deixando os adolescentes ainda mais sem opção para vencer suas dúvidas, medos e angústias. Portanto, esse trabalho teve como uma das metas motivar esse diálogo orientador, tanto em casa como na escola com os professores, para o despertar de uma Educação Sexual voltada para a compreensão e a reflexão de uma sociedade em constante transformação, isto é, uma prática voltada para a vida social e coletiva, na qual os adolescentes estejam ativamente inseridos.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Prática educativa. Diálogo.

## **ABSTRACT**

Sexuality is developed differently in each individual. Depending on the established relationships and maturity we have, it can be understood as another stage of life, or even as something "wrong", often not being mentioned. Talking about sexuality or something related to sexual development with parents is very difficult and embarrassing, leaving adolescents without further option to overcome their doubts, fears and anxieties. Therefore, this work was one of the goals that motivate guiding dialogue, both at home and at school with teachers, for the awakening of a sexual education focused on understanding and reflection of a society in constant transformation, ie a practice focused on social and collective life, in which teenagers are actively inserted.

**Palavras-chave:** Sexuality. Educational practice. Dialogue.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>1 UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A SEXUALIDADE: A EDUCAÇÃO DOMÉSTICA X EDUCAÇÃO ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ADOLESCENTES</b> .....	10
1.1 A Afetividade no Desenvolvimento Sexual da Criança e Adolescentes .....	13
1.2 Aspectos da Sexualidade e Cuidados com a Saúde .....	14
<b>2 ORIENTAÇÃO SEXUAL: UMA QUESTÃO PEDAGÓGICA</b> .....	18
2.1 Como a Escola Prepara os Jovens para Uma Vida Sexual .....	20
2.2 O Papel da Família no Desenvolvimento da Sexualidade de Seus Filhos .....	23
<b>3 SEXUALIDADE: UMA VISÃO SOCIAL E EDUCACIONAL</b> .....	25
3.1 Abuso Sexual Infanto-Juvenil .....	26
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	30



## INTRODUÇÃO

A sexualidade traz consigo um poder de fazer as pessoas crescerem no amor, levando em consideração a vida e a importância do ser homem e mulher. A necessidade de incluir a discussão sobre sexualidade no currículo aumentou com o crescimento dos casos de gravidez entre adolescentes e o risco de contaminação pelas AIDs. As manifestações da sexualidade aparecem em todas as idades e muitas questões são trazidas pelos alunos. Cabe aos educadores desenvolver uma ação crítica e reflexiva sobre o assunto. Porém resta saber como a orientação sexual vem sendo abordada pelos professores numa visão geral neste contexto.

Neste sentido, o motivo que nos levou a fazer esta pesquisa foi a grande necessidade de abordar de maneira crítica, reflexiva e educativa a questão da orientação sexual, que vem sendo percebida de maneira clara no cenário educacional. A sexualidade deve ser um tema trabalhado permanentemente na escola, fazendo parte do processo educativo, caminhando em parceria com a família, continuando o que a família iniciou em seu lar, somente assim os adolescentes terão uma vida sexual com mais segurança e confiança, pois a gravidez na adolescência a cada dia tem aumentado generosamente.

Cada vez mais cedo a mulher adolescente tem engravidado, deixando de aproveitar muito do seu futuro. Logo, deixa de estudar, tirando assim a oportunidade de adquirir emprego e outras oportunidades de vida. Estas orientações da família e da escola devem ajudar as adolescentes a descobrir horizontes diversificados, a pensar forma crítica diante das situações, a ter autoestima e a aprender a amar-se mais.

A educação doméstica é a grande responsável pela educação que os seres humanos precisam. Neste momento focalizaremos a educação trazida pelas meninas para sala de aula e de um modo geral carregada por toda vida. A sexualidade está cada vez mais aflorada nas meninas de forma tão forte a ponto de mostrar seu corpo como troféu para algo tão desejado que é despertar o interesse masculino e atraí-lo até concretizar seu sonho de menina mulher, mulher sexy. As mães de família, por sua vez, têm geralmente uma convivência conjugal descompensada ou desestruturada, onde nas suas mentes a mulher nasceu para ser mãe, dona de casa, esposa dedica a seus maridos e servi-los.

Portanto, o objetivo dessa pesquisa é orientar as adolescentes sobre como desenvolver-se sexualmente de maneira consciente, orientando para que as meninas-mulheres dessa forma passem a valorizar mais seu próprio corpo. Sendo assim, a Educação Sexual, vista na escola através de um olhar crítico reflexivo, significa possibilitar um melhor planejamento das ações dessas jovens na sua vida social. Examinar a aprendizagem em torno da sexualidade visa

despertar o interesse da família e dos professores para refletir o cotidiano e a realidade dos adolescentes. Nesse sentido, procurando reconhecer os desafios propostos neste cenário de descobertas. Enfim, tentamos ampliar a compreensão sobre a sexualidade humana por meio da pesquisa bibliográfica em algumas áreas do conhecimento, atribuindo-lhe a devida significação dentro do contexto educacional.

## **1 UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A SEXUALIDADE: A EDUCAÇÃO DOMÉSTICA X EDUCAÇÃO ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ADOLESCENTES**

A partir da conceituação da sexualidade e do reconhecimento de sua importância no desenvolvimento da personalidade humana serão apontados as possibilidades e os limites da atuação nesse campo para os educadores. A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, pelas relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores adotados por cada família como seus, esperando que as crianças os assumam.

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de autorreferência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui de Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas antes a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação.

Assim sendo, trataremos de forma rústica que as mães de família de décadas passadas eram guardiãs de suas filhas, educando-as e orientando como elas deveriam comportar-se diante da sociedade com relação ao sexo oposto. Essas, por sua vez, tinham muito cuidado e uma tremenda obediência, um pudor herdado da educação matriarcal e patriarcal, pois suas orientandas, também de outras décadas, foram mulheres, em geral, receptoras de uma educação muito resgatada, vigiada e com exemplos de mulheres nascidas para procriar e passar à frente sua geração com êxito, não levando em consideração se era pessoa com sentimentos, que também podia falar o que lhe exprimia desconforto ou decepções no casamento.

Muitas vezes, essas mulheres eram companheiros de maridos escolhidos, coronéis para os quais a mulher não tinha vez e muito menos voz, diferentemente da educação recebida pelas adolescentes hoje, onde têm toda liberdade, tanto de expressão quanto de opção no que quer fazer, onde é totalmente influenciada pelo meio onde vive. Aqui citaremos o envolvimento da mídia na vida destes indivíduos: TV, redes sociais, incluindo atualmente a febre na qual os adolescentes estão inseridos, o celular, com sua diversidade de programas certamente desconhecidos pelos pais, que o compra e o entrega como brinde.

E daí vai banalizando-se a convivência com a família, pois a mãe internet toma espaço total em suas vidas, fazendo os jovens passarem a conviver com o programa do momento,

onde todos se encontram, homens e mulheres, através do Facebook. Estes não mais tendo tempo nem lugar para o convívio com colegas em sala de aula, a não ser pelo Whasapp. Desse modo, com essa gama de programas das redes sociais, estas meninas, em especial, vão transformando-se e se posicionando diante do mundo novo com quem convivem, mudando seu comportamento, sua vestimenta.

O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno escolha seu caminho. A Orientação Sexual não-diretiva aqui proposta será evidenciada no âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual do tipo psicoterapêutico.

As diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem evasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno. Tal postura deve, inclusive, auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como uma vivência pessoal. Apenas os alunos que demandem atenção e intervenção individuais devem ser atendidos separadamente do grupo pelo professor ou orientador na escola e, dentro desse âmbito, poderá ser discutido um possível encaminhamento para atendimento especializado.

O educador deve reconhecer como legítimo e lícito, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento. O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos.

É necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. O professor deve entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens: preparar-se para a intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual.

Ao atuar como profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas. O educador, assim

como o educando, possui expressão própria de sua sexualidade, que traduzida em valores, crenças, opiniões e sentimentos particulares.

Não se pode exigir do professor uma isenção absoluta no tratamento das questões ligadas à sexualidade, mas a consciência sobre quais são os valores, crenças, opiniões e sentimentos que cultiva em relação à sexualidade é um elemento importante para desenvolver uma postura ética na sua atuação junto aos alunos. O trabalho coletivo da equipe escolar, definindo princípios educativos, em muito ajudará cada educador em particular nessa tarefa.

Para um bom trabalho de Orientação Sexual, é necessário que estabeleça uma relação de confiança entre os alunos e professor. Para isso, o professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedora. Informação correta do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranquilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo e melhores condições de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual.

Na condução desse trabalho, a postura do educador é fundamental para que os valores básicos propostos possam ser conhecidos e legitimados de acordo com os objetivos apontados. Em relação às questões de gênero, por exemplo, o professor deve transmitir, pela sua conduta, a equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. Ao orientar todas as discussões, deve, ele próprio, respeitar a opinião de cada aluno e ao mesmo tempo garantir o respeito e participação de todos.

Através da escola os jovens podem receber uma orientação sexual adequada, dependendo de quem transmita tais informações, porém precisa também de um acompanhamento por parte da família, pois a mesma ainda deixa a desejar nesse sentido. Notamos também que os meios de comunicação muitas vezes distorcem o sentido das informações sobre sexo, atribuindo até certo tabu ao assunto, ou seja, neste caso é necessário introduzir uma Educação Sexual sem segredos e sem mitos.

A sexualidade é um tema que deve ser tratado com muita atenção e carinho. De acordo com Silva (2001), inclusive alguém que se dispõe a trabalhar este tema deve estar com a sua sexualidade resolvida, no sentido de aceitar-se como pessoa, como ser em desenvolvimento nas questões afetivas e na relação consigo, com seu corpo e com os outros.

Continuando com ainda com a temática a educadora revela muitas questões interessantes relacionadas, por exemplo, aos nossos valores morais, ao consumismo da sexualidade, a sensualização precoce das crianças e ainda a gravidez precoce e indesejada. Ela

aponta de maneira simples e concreta como vem sendo abordada a sexualidade no cotidiano das pessoas e como a mídia interfere na personalidade das pessoas atualmente.

### **1.1 A Afetividade no Desenvolvimento Sexual da Criança e Adolescente**

A escola deve orientar-se no sentido de cultivar no aluno a segurança interna, as expressões de afeto, iniciativas, interesses, senso de responsabilidades e de cooperação. O professor deve ter consciência de que assume papel importante na vida emocional do educando. A principal missão da instituição de ensino deve concentrar-se na educação, e não apenas na transmissão de conhecimentos, no ensino. A unidade escolar precisa aparelhar-se para ajudar o estudante a vencer suas dificuldades, e não simplesmente excluí-lo da socialização do meio escolar, ou seja, quando o discente mantém uma relação de afetos verdadeiros com professores e colegas, o ensino torna-se de qualidade. Sendo assim, o aluno expressa melhor seu sentimento, fortalecendo sua personalidade e sexualidade ainda em desenvolvimento.

Wallon, segundo Galvão (1999, p. 61) traz a dimensão afetiva como ponto fundamental em sua teoria psicogenética:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.

A escola atualmente deveria ser mais estudada e detalhada cientificamente, buscando considerar relações de afetividade entre professor e aluno que possam ser garantidas dentro das variadas formas no seu dia-a-dia. A afetividade tem um respaldo significativo sobre o educando como um todo, devendo ter como aspecto fundamental, alcançar os objetivos do processo de ensino dentro dos fatores cognoscitivos e sócio-emocionais; intimamente ligada a sua sexualidade, porém muitas vezes os alunos tentam ocultá-la quando o tema é o foco da discussão, entretanto, o modo de vestir, falar e andar esteja demonstrando formas visíveis de exposição da sexualidade que aflora principalmente na juventude, daí a importância de um relacionamento afetivo entre professor e aluno.

Sem dúvida, a afetividade estabelecida na escola traz grandes valores para formação individual da criança ou adolescente, pois constitui a base de todas as relações da pessoa diante da vida. Ao considerar que as dificuldades afetivas provocam muitas desadaptações

sociais e escolares, bem como perturbações no comportamento, o cuidado com a educação afetiva deve caminhar lado a lado com a reflexão das atitudes contribuintes no processo intelectual do sujeito. Porém nossa personalidade resulta de fatores fisiológicos e sociais, como a hereditariedade determinante das características físicas e o ambiente influente, seja o lar, os amigos, a escola, a vizinhança ou até mesmo a própria comunidade na qual a criança está inserida.

Desse modo, a família desempenha o primeiro papel perante a criança, que se refere ao seu estilo de vida (atitudes desenvolvidas em relação às outras pessoas). Esse estilo de vida adotado nos primeiros anos é o eixo medidor nas situações vivenciadas posteriormente, manifestadas na escola, no trabalho e no amor. Na visão de Piaget (1983, p. 226-227), diante de seus estudos e pesquisas sobre como se desenvolve a inteligência durante o crescimento do sujeito, aborda a seguinte questão:

[...] o sentimento dirige a conduta ao atribuir um valor aos seus fins. (...) A afetividade é caracterizada por suas composições energéticas, com a carga distribuída sobre um outro (cathelhis) segundo as ligações positivas ou negativas. O que caracteriza, pelo contrário, o aspecto cognitivo das condutas é sua estrutura.

Para Piaget e Inhelder (1990), a afetividade é compreendida como uma fonte de “energia” impulsionadora de nossas ações. Desse modo, com o desenvolvimento da inteligência, a motivação é estimulada por número maior de coerências. Mesmo assim, a razão está a serviço da afetividade, direcionadora das ações. Diante do que foi visto até aqui, notamos a relevância de tratarmos a questão “afetividade” com mais atenção, pois sendo esse o fator mais comprometedor de nossa estrutura emotiva, de acordo com vivências do cotidiano, no qual estamos expostos a situações que exigem de nós uma atitude concreta e, sobretudo, baseada na confiança de estar fazendo a coisa certa. Enfim, as teorias mostram-nos como a afetividade está presente no desenvolvimento do indivíduo e como a falta dessa afetividade pode provocar uma série de problemas na construção individual da pessoa, principalmente nas relações a ser estabelecidas com o outro ao longo de sua vida pessoal e social.

## **1.2 Aspectos da Sexualidade e Cuidados com a Saúde**

Atualmente a preocupação com as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) tem crescido muito, devido ao fato das pessoas ainda por medo ou tabu não procurarem orientações médicas para tirar suas respectivas dúvidas. Sabemos que isso também é uma

questão cultural, portanto é necessário a todos os responsáveis pela formação da criança ou adolescente respeitar e, acima de tudo, encarar com seriedade. Entretanto alguns aspectos desse processo de constituição da vida sexual da criança ou adolescente merecem destaque:

- Respeito aos sentimentos e ao seu próprio corpo, como também ao corpo do outro;
- Tomar certas precauções quanto às possibilidades de gravidez ao até mesmo uma DST;
- Interferência da família;
- Falsa interpretação do que é sexo;
- Saber diferenciar sexo de sexualidade;
- Tratar com respeito o desenvolvimento da sexualidade infantil.

Evidentemente esses não são os únicos aspectos existentes, porém são os mais relevantes no momento. Isso não quer dizer que iremos tratar de todos eles ou de um em particular, mas os elencamos com a finalidade de mostrar que o nosso estudo baseia-se nas várias compreensões acerca da sexualidade evidenciada dentro ou fora do contexto escolar. O aspecto relacionado à gravidez é o mais preocupante, pois a responsável por ela acaba sendo a adolescente “mulher”, e conseqüentemente sua família, quando não a abandona. Por isso, quando o inesperado acontece, é necessário agir com cuidado para não ferir os sentimentos de ambas as partes.

Durante a infância, quando os jogos sexuais e a masturbação aparecem, os adultos tratam as crianças como se tivessem alguma anomalia ou fossem homossexuais, no caso dos meninos. Mas a masturbação só atrapalha e faz mal quando provoca culpa ou vergonha na pessoa, passando a ser fonte de conflito e de baixa autoestima, isto é, o que faz mal é a pessoa sentir-se culpada, e não a masturbação em si.

Nos últimos vinte anos o comportamento sexual de um grande número de pessoas mudou substancialmente. Muitos passaram a iniciar a vida sexual mais jovens e com parceiros variados, possibilitando um sexo mais promíscuo (com muitas pessoas) e entre pessoas que não se conhecem bem. Esse comportamento teve como consequência um aumento das doenças sexualmente transmissíveis.

O que tornou a situação ainda mais séria foi que, juntamente com essa maior liberdade sexual, as pessoas não receberam Educação Sexual, não sabiam e não sabem como prevenir a doença sexualmente transmissível e têm vergonha de procurar um médico ou de falar com os pais para pedir ajuda. As doenças sexualmente transmissíveis são causadas por organismos que vivem nas membranas mucosas e macias do corpo humano, isto é, em lugares como a



boca, os órgãos sexuais e o reto. A doença sexualmente transmissível só pode ser transmitida fora do contato sexual se a pessoa utilizar um copo imediatamente depois de alguém portador de sífilis ou herpes bucal.

A AIDS, que é a mais recente doença sexualmente transmissível, é a pior de todas, porque ainda não tem cura. Todo profissional da saúde pode e deve ser um agente de ações educativas em saúde de modo geral, e em sexualidade especialmente, sem a pretensão de ser educador profissional. Portanto a orientação sexual deve contribuir para os jovens exercerem sua sexualidade com prazer e responsabilidade. O tema está ligado ao exercício da cidadania, pois propõe trabalhar o respeito por si e pelos outros, além de garantir direitos básicos como saúde, informação e conhecimento. Como se expressa Muraro (2003, p. 41):

O sexo se encontra em dois eixos da vida humana: o indivíduo e o coletivo. É, ao mesmo tempo, o elemento mais importante do domínio da nossa interioridade, o lugar onde interagem libido, pulsões, desejos, funções, prazeres, desprazeres e, também, o elemento economia das populações em todos os seus efeitos globais.

As dúvidas dos jovens voltam-se principalmente sobre o que é relação sexual, como ela ocorre, as transformações do corpo, a concepção, a gravidez e o parto. Segundo os PCN, essas dúvidas devem ser esclarecidas de forma direta e são importantes porque permitem a reflexão sobre o comportamento de meninos e meninas (BRASIL, 2008). Sendo assim, a orientação sexual visa a desvincular a sexualidade de tabus e preconceitos sem acentuar sua ligação com o considerado errado ou mesmo doença. Pois a construção da sexualidade é um processo extremamente individual, psicossocial e cultural.

O sexo faz parte da sexualidade na vida do indivíduo. É um conteúdo independente do próprio organismo, e será adquirido por assimilação do meio externo, através da influência de outra pessoa. Tal influência já faz parte do conceito de educação e, mais especificamente, de Educação Sexual. Assim, educação e sexualidade estabelecem, a partir do nascimento, ligações que ficarão mais intensas no decorrer da vida. Na fase inicial, as ações educativas sexuais ocorrem de modo formais e informais, conscientes e inconscientes, intencionais e não-intencionais.

Por outro lado o exercício de influências sobre o exercício da sexualidade não só constitui a regra como também é inevitável. Ao conjunto das influências sociais que o indivíduo recebe e com ele interage, ao longo de toda sua vida, podemos chamar Educação Sexual, tomada em seu sentido mais amplo. Entretanto o universo educacional também é constituído em boa parte de chamada “heteroeducação assistemática”. Ela resulta das

influências dos agentes sem a intenção declarada e deliberada de educar. Como exemplos disso vemos os grupos de amigos, os círculos de convivência, o ambiente de trabalho, os espaços informais (os corredores) das instituições.

De fato, a vida social acontece predominantemente dentro e fora das instituições, cada um com funções definidas e pré-determinadas. De certa forma, fomos acostumados a crer que educação só ocorre e somente deveria ocorrer nos compartimentos socialmente designados para este fim, ou seja, na família, na escola e na igreja, etc. Porém, receber educação é consequência de viver em sociedade, pois dela são decorrentes várias influências, até mesmo aquelas relacionadas ao desenvolvimento sexual do indivíduo. Todos, sem exceção, fomos e estamos sendo educados sexualmente de alguma forma, mesmo que por educação informal ou, assistemática, mas nem sempre suficientemente eficaz para reprimir o desejo sexual e bloquear o desenvolvimento da sexualidade em muitos casos.

## 2 ORIENTAÇÃO SEXUAL: UMA QUESTÃO PEDAGÓGICA

Diante de uma pedagogia bem aprofundada, que respeita o sujeito como ele é e suas diferenças, não poderia deixar de tratar a sexualidade como um tema indispensável ao contexto escolar. As orientadoras educacionais da escola, quando começaram suas buscas por informações para um trabalho de orientação sexual, o fizeram de uma maneira extremamente idealista. Elas sabiam que esse era um passo importante para toda a comunidade escolar, direção, professores, pais e, fundamentalmente, para os alunos.

O trabalho de orientação educacional tem como característica o contato direto com os alunos, acompanhando tanto questões de aproveitamento escolar como de relacionamento em sala de aula. Este contato entre alunos e orientadores evidenciou a necessidade de se trabalhar as questões sexuais presentes nas brincadeiras, que na verdade mostravam uma inquietação e uma necessidade de reflexão.

A partir daí ficou claro que o caminho era o diálogo, enfocando questões que iriam além do conhecimento proposto pelo currículo comum. Esta é uma afirmação que parece desnecessária, já que é do conhecimento da maioria dos educadores a importância de haver discussões sobre sexualidade na escola, mas, por um motivo ou por outro, o assunto acaba sendo adiado ou sobreposto por outros projetos considerados “mais importantes”.

Dessa forma, o trabalho de orientação educacional se tornou a ponte entre o adolescente e a escola, criando um vínculo de confiança e de abertura para o diálogo. Dentro deste cenário, a observação e o comprometimento se converteram na base para a estruturação do Projeto de Orientação Sexual na escola, de modo geral podendo ser trabalhado em qualquer escola.

Acreditamos que o fato de um educador se mostrar interessado por esse trabalho indica que ele esteja aberto a mudanças no processo de ensino-aprendizagem, porque sem dúvida uma proposta como essa exige um longo processo de formação, muita leitura e uma dedicação além da normal. Um profissional acomodado ou sem desejo de conhecimento jamais procuraria se envolver com uma idéia como essa, pelo simples fato de estar fora do seu componente curricular de atuação e, portanto, fora da sua obrigação.

Por esse motivo, a importância de integrar a temática da sexualidade no contexto escolar surge em meio a uma série de situações vivenciadas em sala de aula, e requer certo interesse de toda equipe. Ainda hoje é comum encontrar pessoas que acreditam que questões como a sexualidade sejam assuntos exclusivamente familiares e a escola já tem demasiadas preocupações para tomar para si mais esse “problema”. Na verdade, uma instituição

preocupada com o chamado “desenvolvimento integral” de seus alunos poderá encontrar no trabalho de orientação sexual uma possibilidade de mudanças na qualidade do processo de ensino-aprendizagem como um todo. Os educadores têm a oportunidade de tornarem-se sujeitos desse processo, e não mais alguns adultos confusos para “engrossar o cordão” ao redor dos adolescentes.

Um aspecto essencial é buscar um caminho para tratar a questão do desenvolvimento da sexualidade de forma criativa e proveitosa para todas as pessoas envolvidas nesse processo – alunos, professores, pais e a comunidade -, pois fica evidente a atuação desses jovens em seus diferentes grupos sociais. É possível perceber que eles se tornam referência para outros jovens que também buscam respostas para seus questionamentos, atuando como multiplicadores para o projeto.

Torna-se fundamental a valorização da vontade de falar e de discutir os temas. O debate é primordial, pois garante o exercício de organizar os pensamentos e elaborar na forma oral ou escrita os seus posicionamentos diante de determinadas questões. As aulas priorizam a problematização e os estímulos para um debate dirigido, onde cada um tem a sua vez de falar e o direito de ser ouvido.

Vejamos o que dizem os Parâmetros sobre o trabalho de orientação sexual com as crianças e adolescente, segundo Antônio Carlos Egypto: a orientação sexual na escola, junto com outros temas propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC, ajude na formação da cidadania, que hoje é eixo fundamental de preocupação da escola. A orientação sexual na escola pode ser concebida como uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão sobre a sexualidade, problematizando os temas polêmicos, favorecendo ampla liberdade de expressão em ambiente acolhedor, que visa a promover bem-estar sexual, vínculos mais significativos (a partir da própria relação professor-aluno), ampliando a cidadania (BRASIL, 2008).

A problematização de temas polêmicos é a grande dificuldade: como conversar na escola sobre homossexualidade, aborto, prostituição, pornografia, abuso sexual? São questões muito complicadas e polêmicas, porque comportam muitas verdades. O papel da escola na orientação sexual é poder apresentar diferentes visões e colocar valores em discussão. Não é fácil. É por isso que é muito importante que a sexualidade esteja incluída nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares.

A orientação sexual está concebida como um tema transversal ao longo do Ensino Fundamental e possui um espaço específico também. É necessário haver trabalho planejado e sistematizado para todos os alunos da escola, e não apenas para alguns interessados. Não é

conversar de vez em quando, quando o assunto entra na roda. Tem de haver uma continuidade de trabalho, essa conversa aconteça regularmente, com aulas semanais, por exemplo. Há aqueles que acreditam que trazer um médico, um psicólogo, um especialista, enfim, resolve a questão. Ou, então, se diz: “Uma palestra é pouco, vamos fazer a Semana da AIDS, a Semana da Sexualidade”. Faz aquela Semana e fica só nisso! Não se pode limitar a informação, porque é importante produzir o debate, a reflexão.

## **2.1 Como a Escola prepara os Jovens para Uma Vida Sexual**

Nosso propósito neste trabalho não é nos determos na análise de crenças e atitudes, e sim assinalarmos sua importância para qualquer estudo sobre a sexualidade humana, além da dinâmica psicológica do sujeito, bem como a influência da família e da escola nesse processo. A maior parte dos estudos sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente demonstra certa complexidade com seus respectivos conflitos, estes estudos ficarão incompletos, no entanto, se não forem considerados os pais e as influências sócio-culturais.

No passado, a inserção do jovem no mundo dos adultos não era feita da mesma forma que hoje, na sociedade moderna. (Ao longo do tempo, a família ocidental se modificou.) Os sentimentos de infância e de família não existiam até o fim da Idade Média. Segundo Áries (1981, p. 273), a família não era vista da mesma forma que hoje: “a densidade social não deixava lugar para a família. Não que a família não existisse como realidade vivida: seria paradoxal contestá-la. Mas ela não existia como sentimento ou como valor”.

Da mesma forma não existe o sentimento da infância – não significando, com isso, que os pais não gostassem de seus filhos ou que os negligenciassem. O sentimento de infância corresponde a uma consciência da criança como um ser diferente do adulto, com características próprias. A mortalidade infantil era alta, e a tendência era ver os filhos como indivíduos apenas depois que passassem da fase de dependência, na qual a sobrevivência era improvável, devido às precárias condições de higiene e de saúde; misturavam-se então aos adultos e não havia mais distinção entre eles.

Atualmente, criança, adolescente e adulto pertencem a mundos diferentes. Em nossa sociedade, caracterizada pela descontinuidade, há um hiato entre o estado infantil e o adulto. Este hiato corresponde aos anos da adolescência, em cujo término será exigido do jovem cumprir tarefas e participar da sociedade que o manteve dependente até então. Ao mesmo tempo, seu corpo transforma-se e adquire forma, função e aparência adulta. Poderá, inclusive,

assumir sua sexualidade completa – já está fisicamente pronto para isso, embora, em muitos casos, não o esteja psicologicamente.

A adolescência é um momento crucial na vida do ser humano, é uma etapa em que se torna decisivo o desprendimento iniciado com o nascimento. Erikson (1976) considera a crise da adolescência fundamental para o desenvolvimento da identidade pessoal – um esforço da personalidade para integrar as identidades parciais da infância em direção à personalidade adulta, genitalmente madura.

Não é surpreendente que os adolescentes passem por conflitos, dor e confusão nessa etapa de suas vidas, pois se encontram frente a uma multiplicidade de “exigências psicossociais: tornarem-se independentes dos pais, desenvolverem a capacidade de interagir bem com seu grupo etário, planejarem um conjunto viável de princípios éticos tornarem-se intelectualmente competentes e adquirirem um senso de responsabilidade social e pessoal são apenas algumas dessas exigências” (SPRINTHALL; COLLINS, 2003, p. 1440).

Além disso, precisam lidar com as transformações corporais e de sexualidade que acontecem nessa fase. Em poucos anos a vida do adolescente muda sensivelmente. A criança deverá transformar-se em adulto com deveres e responsabilidades, além de assumir sua sexualidade. A verdadeira Educação Sexual deverá começar dentro do lar, a partir da interação de pais e filhos. A escola não pode substituir os pais. O diálogo sobre sexualidade pode ser ampliado na escola, mas não deve substituir a família.

Educar sexualmente significa estarem os agentes educadores, escola ou família, abertos para as várias e possíveis fontes de informação, instituições, meios de comunicação de massa, entre outros capazes de levar aos educandos mensagens sobre a sexualidade, errôneas, negativas, inadequadas, insuficientes, causadoras muitas vezes de elevados danos e em alguns casos, de danos irreversíveis.

Portanto, a Educação Sexual não deve constituir-se em uma educação proibitiva, que provoca medo, culpa e ansiedade, nem tampouco uma deseducação permissiva violando valores e gerando frustrações, mas sim uma educação à procura do equilíbrio, do cultivo, do respeito por si própria e pelo outro. Cada um é como é, e o fato de sê-lo pode ser cultivado. Este é o verdadeiro objetivo da Educação Sexual. No entanto, a educação sexual deve ser uma ação de caráter integrador e por parte de todos, direta ou indiretamente, envolvidos com a educação global dos indivíduos, ou seja, a família e a escola. Evidentemente é a família o primeiro núcleo de formação educacional da criança, seguido da instituição de ensino.

Como diz Egypto (2003, p. 10):

Se a escola não está tratando o assunto, ela está transmitindo ao aluno que o sexo é um tabu, do qual não se pode falar. É algo tão individual, que cada um guarda para si e não deve comentar com os outros, ou que é algo sem importância, não faz parte do conhecimento humano, ou, o que é pior, que é alguma coisa feia, da qual se deve envergonhar. Ainda é possível que passe a idéia de que sexualidade não faz parte da educação, é algo que se aprende na rua, com os colegas, através da revista pornográfica, do filme “pornô” ou nas zonas de prostituição.

A escola deve ser a continuidade do que a família já vem realizando, tem o dever de transmitir informações claras e completas, o que maioria das vezes a família não consegue fazer. A orientação sexual começa a partir dos gestos de carinho, respeito mútuo e igualdade vivenciada no dia-a-dia entre o homem e a mulher no seu próprio lar.

E esta orientação oferecida pela escola deve levar a juventude a escolher na sua vida caminhos seguros, motivados pelo amor. Pois é na instituição de ensino onde mais se fala de sexualidade, seja entre amigos escrevendo nas paredes das escolas ou outros tipos de comportamentos na própria sala de aula. Dessa forma a unidade escolar não pode ficar fora desse processo educativo, porque é uma oportunidade de os adolescentes repensarem suas práticas, seus valores, comportamentos e também partilhar suas emoções e experiências. Somente a informação não é suficiente para reconhecer e mudar alguns comportamentos e preconceitos. É preciso um espaço de discussão e construção de ideias novas, capaz de contribuir com os adolescentes na descoberta de suas capacidades sexuais, ajudando-os a serem pessoas conscientes e autônomas.

A escola pode contribuir significativamente no processo de desenvolvimento sexual dos alunos, na medida em que assume uma postura educacional vinculada à amplitude de conceitos e informações trazidos por eles para a sala de aula, isto é, socializando e ajudando naturalmente nas suas respectivas dúvidas do cotidiano. Muitas vezes, a criança ou o adolescente gostaria de questionar algo, porém não sabe ao certo quem procurar, devido às censuras e proibições já vivenciadas. Nesse sentido, as instituições de ensino podem ajudar não só aos educandos, mas também as famílias que, por sua vez, pelo seu desconhecimento ou vergonha que têm, passam essa tarefa para a escola.

Enfim, observamos vários desafios para o desenvolvimento da sexualidade das nossas crianças e jovens desde anteriormente até os dias atuais e como a escola e a comunidade vêm mostrando-se diante dessa evolução psicológica e social. Sendo assim, o trabalho de Educação Sexual visa propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa. Seu desenvolvimento deve oferecer critérios para o discernimento de comportamentos ligados à sexualidade que demandam privacidade e

intimidade, assim como reconhecimento das manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas na escola.

## **2.2 O Papel da Família no Desenvolvimento Sexual de Seus Filhos**

Normalmente, quando os pais de uma criança não percebem nenhum comportamento relativo à sexualidade e não ouve perguntas, é para começarem a pensar que algum tipo de bloqueio ocorreu. Essa situação pode não ter nada a ver com os pais. Eventualmente, a criança pode ter ido à casa da tia e ouvido a prima levar alguma bronca devido a um comportamento sexual comum na sua idade, o que na maioria das vezes fazem os pais induzidos pela pouco conhecimento que têm sobre o assunto. É preciso que os pais acompanhem e esclareçam as dúvidas decorrentes do desenvolvimento sexual de seus filhos evitando assim possíveis traumas ou bloqueios futuros.

Segundo Oliveira (2005), há os pensam que lidamos com a sexualidade a partir do momento em que é mencionada, seja por meio de informações ou explicações ao seu respeito. Mas a educação sexual começa a existir quando os pais cuidam do bebê, a forma como se relacionam e brincam com ele, na própria relação do casal sendo ela afetiva ou não, como também os limites de cada papel e relação ficam bem delimitados e quando a criança pode concluir que amar é ou não possível, está recebendo relação sexual. A Educação Sexual que recebemos está intrinsecamente ligada a nós desde muito cedo. Ela começa a surgir quando os pais evidenciam atitudes inconscientes de reprovação quanto à exposição do corpo do menino ou da menina, entre outras situações frequentes no cotidiano.

Nunca se deve mentir para a criança, pois ela vai descobrir que, se você mentir, ela não pode confiar em você. A coisa mais importante para o pai, à mãe e ao professor é a criança saber que pode perguntar qualquer coisa e que não vai levar bronca. Mesmo que você não tenha a resposta, informe-se e depois se lembre de responder para a criança. Nesse sentido é muito comum ouvir das crianças questionamentos do tipo: De onde vêm os bebês? Como eu nasci? As crianças estão tornando-se cada vez mais curiosas, persistentes e específicas, e os pais cada vez mais se encontram em situações embaraçosas.

Segundo Berger (2003), aos pais restam três atitudes: calar-se, mentir ou dizer a verdade. É certo que podem reunir sabiamente essas atitudes. Muitos encontram o meio de silenciar em parte, embora mentindo um pouquinho, mas soltando aos poucos algumas parcelas de verdade. A maioria dos pais que responde dessa maneira está convicta de que respondeu toda a verdade. Muitos pais iniciam a Educação Sexual das crianças pautada na



mentira ou mesmo com teorias estranhas e até falsas, como é o caso do exemplo da cegonha, isso é realmente subestimar a inteligência dos nossos filhos.

Escola junto à família é um meio privilegiado para educação sexual. A instituição de ensino não deve omitir-se da participação na Educação Sexual e em qualquer outra formação que a criança ou jovem traga como possibilidade de aprendizado e crescimento. A unidade escolar não pode substituir a família, deve ser o complemento na orientação iniciada pela família, deve servir como um canal de comunicação entre estabelecimento de ensino e família, não pode ficar a esperar que a escola promova Educação Sexual. A responsabilidade cabe à família, escola e sociedade como um todo. Sendo a instituição escolar um espaço amplo de liberdade e expressão para os adolescentes.

Apesar do assédio da mídia, a abertura para falar sobre sexualidade ainda é bastante insignificante. A falta de diálogo e o não esclarecimento das dúvidas fazem crianças e adolescentes passarem por dificuldades iguais de seus pais, enfrentando, às vezes, situações constrangedoras absurdas. Nós profissionais da educação, como também os pais, cometemos erros ao imaginar que fazer comentários, esclarecer e conhecer leva à prática precoce da sexualidade. Conforme Ribeiro (1999), a não satisfação da curiosidade da criança a respeito da sexualidade gera ansiedade e tensão, visto que a questão é muito importante para a subjetividade de cada um.

A Educação Sexual tem como missão essencial preparar o indivíduo de ambos os sexos para exercer seu papel de homem ou sua função de mulher na vida da melhor forma possível, completando-se mutuamente. Educação Sexual nesse sentido não é mais que uma aparência da educação, porém um aspecto limitado daquela que pode ser chamado também de educação afetiva ou educação da sensibilidade. Assim sendo, a Educação Sexual e educação afetiva tornam-se indissociáveis, ambas não têm outra finalidade, além de preparar o indivíduo para o amor capaz de reunir todos os aspectos morais, espirituais, físicos e sentimentais (BERGER, 2003).

De acordo com Crivelari (2007), mais cedo ou mais tarde os alunos acabam perguntando sobre camisinha, masturbação, entre outras questões pertinentes da curiosidade própria de cada criança. Portanto, a família deve sentir-se tranquila para tratar tais assuntos e, sobretudo demonstrar segurança nas suas respectivas respostas. Naturalidade. Essa deve ser a palavra-chave quando falar de sexo com os filhos. Nada de reações de espanto ou de respostas evasivas, por mais complicado que possa parecer. Se o tema for tabu, provavelmente a criança terá dificuldade em lidar com isso mais tarde, ou seja, a família deve procurar acompanhar diretamente o desenvolvimento sexual dos filhos (BRASIL, 1997).

### **3 UMA VISÃO SOCIOEDUCACIONAL DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA**

Segundo estudos, 500 mil crianças e adolescentes entre 10 e 19 anos deram à luz no Brasil. Pesquisa do Departamento de Pediatria do Hospital Universitário de Brasília indica que 63% das garotas que engravidam param de estudar e, delas, 60% abandonam de vez a escola ao tornarem-se mães. Terceira causa de morte de jovens adolescentes nessa faixa etária e principal motivo de evasão escolar entre as meninas, a maternidade precoce não preocupa apenas agentes de saúde em todo o país, mas também os educadores (MOÇO, 2008).

Para promover a conscientização sobre os riscos – para a saúde e para a vida futura uma gestação fora de hora, as salas de aula são locais privilegiados. Por isso, as escolas e as secretarias de Educação, em parceria com os postos de saúde desenvolvem programas de prevenção da gravidez e da evasão. Os projetos são variados, mas as ações sempre começam envolvendo toda a escola. Isso porque ter uma aluna grávida na sala de aula não pode virar um drama nem gerar preconceito por parte dos colegas.

"O jovem precisa sentir-se responsável pelos próprios atos e livre para decidir seu futuro. É o único jeito de fazer com que as ações de esclarecimento funcionem", explica o psicólogo Antônio Carlos Egypto, especialista em Orientação Sexual e membro do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS), ONG da capital paulista que presta assessoria às escolas (MOÇO, 2008, p. 83). Uma das ferramentas usadas para atingir o objetivo é discutir o futuro e de que maneira a opção pela maternidade ou pela paternidade poderia encaixar-se – ou não – na vida do estudante.

A escola junto com sua equipe docente deve articular estratégias que deem possibilidades para grávidas e mães sentirem-se estimuladas a continuar seus estudos, tais como:

- Conversar com a jovem com frequência para convencê-la da importância dos estudos;
- Disponibilizar classes de recuperação para quem tiver dificuldades de aprendizagem;
- Flexibilizar os horários e número de faltas, devido à indisposição durante a gravidez e o acompanhamento pré-natal;
- Oferecer datas e horários alternativos para entregas de provas e trabalhos;
- Sugerir que as mães procurem creches próximas;
- Trabalhar o tema em questão de forma que não haja nenhum preconceito.

Segundo esses pontos, a escola poderá promover um ambiente acolhedor para

esclarecer qualquer dúvida sobre esse assunto.

### **3.1 Abuso Sexual Infanto-Juvenil**

O abuso sexual é uma realidade fatídica, acontece com mais regularidade do que possamos imaginar. Podemos constatar através da mídia que esses casos estão crescendo e, a cada dia, o número de abuso e violência são mais alarmantes. Segundo Guaderer (1999), o abuso sexual é o envolvimento de uma criança ou de um adolescente em atividades sexuais incompreensíveis ao seu desenvolvimento psicosexual e inadequados a sua idade. Nessa relação à criança ou adolescente pressionada para atender todos os desejos das necessidades sexuais dos adultos, podendo variar de discretas carícias a estupros com lesões físicas.

Geralmente quem abusa sexualmente de crianças são pessoas que a criança conhece e confia, e podem de certa forma controlá-la. Esta pessoa, por ser estimada pela criança, demonstrando-lhe afeto e carinho, acaba sempre a convencendo participar de atos obscenos por meio de induções, recompensas e ameaças. Os índices de abusos praticados por estranhos são mínimos. “Normalmente o abusador é alguém próximo da criança. Pode ser o pai ou padrasto, um tio ou um amigo da família. E nem sempre há o uso da violência física” (RIBEIRO, *et al.* 2004, p. 173).

Difícilmente o abuso sexual intrafamiliar chega ao conhecimento de outras pessoas. Segundo Monteiro Filho (2005), atos como esse é protegido por um verdadeiro muro de silêncio, ao mesmo tempo em que resguarda a família impede a proteção da criança. As vítimas não denunciam os agressores por que sofrem ameaças. A criança abusada sexualmente normalmente cala-se, sente-se confusa, desolada e teme relatar sobre o incidente. Segundo especialistas, esses são os casos mais frequentes e desafiadores.

O crime de abuso sexual, apesar de acontecer em grande escala, torna-se difícil ser detectado, porque nem sempre deixa lesões físicas como: hematomas, sangramento, mas marca a criança por toda a vida. Nesses casos, o abuso ocorre lentamente por meio de sedução sutil, passando a comportamentos cada vez mais evasivos. As agressões podem acontecer de formas variadas. “Além do ato sexual com penetração vaginal (estupro) ou anal, outros atos são considerados abuso sexual como o voyrismo, a manipulação dos órgãos sexuais, a pornografia e o exibicionismo” (RIBEIRO, 2004, p. 174).

Ao contrário da crença popular, o abuso sexual não ocorre somente em classes menos favorecidas, porém é comum em todas as classes sociais. Os agressores são, na maioria das vezes, do sexo masculino, mas as mulheres também abusam de crianças e adolescentes. De

acordo com Monteiro Filho (2005), o abusador é um pedófilo assumido ou não, age geralmente sem violência seduzindo e buscando a parceria da criança. O pedófilo é uma pessoa aparentemente normal, socialmente não levanta qualquer suspeita. Mas a pedofilia é um distúrbio psíquico, um desvio de sexualidade com sinais compulsivos e obsessivos, em que o adulto tem atração sexual por crianças ou adolescente.

A sociedade quase sempre culpa a criança por ter sido abusada sexualmente. Nessa história o agressor passa a ser vítima, que foi provocado por um ser terrivelmente sedutor. Tal comportamento sedutor é normal na criança e no adolescente, e pode intensificar-se em consequência do abuso. A criança dos três aos cinco anos de idade, e o adolescente, é um ser normalmente em constante evolução, formando sua personalidade para futuros adultos.

Freud (1990), a criança passa por um período de conflitos que seria a fase edipiana, onde o menino ama a sua mãe com desejo de posse, e vê inconscientemente o seu pai como um rival. Mas essa relação é absolutamente normal. O mesmo acontece com a menina, pois ambos experimentam as frustrantes divergências afetivas, neste caso, é preciso uma ampla compreensão desse processo de descobertas.

Quanto ao adolescente, o fato de ele ter um corpo mais atraente que o nosso nos perturba, assim como seu vigor, sua sexualidade, sensualidade à flor da pele. Isto gera em nós inveja e raiva, obviamente negadas. A sociedade quase sempre atribui à criança a iniciativa de uma interação sexual, quando abusada. Para diagnosticar o abuso sexual é necessário, antes de tudo, afastar todos os mitos e tabus que rondam a sexualidade da criança. E também estar alerta às mudanças de comportamento, sintomas ou outras manifestações capazes de sugerir abuso sexual.

A criança apresenta comportamento excessivamente erotizado ou aversão a sexo, torna-se bastante retraída, tem medo de ficar sozinha e medo de alguns lugares, desenvolve perda violenta da autoestima, incapacidade de relacionar-se com outras pessoas, depressão e pensamento suicida. Pode ocorrer ainda comportamento hostil e destrutivo, dificuldade de aprendizagem, devido à ansiedade, ou transtorno no sono e na alimentação. A presença desses sintomas em crianças e adolescentes deve servir de muita atenção para os profissionais de educação e saúde.

Apesar de a nossa sociedade optar pela negação e subestimação da gravidade em relação ao abuso sexual infantil ou juvenil, é preciso que esse problema seja denunciado, caso seja descoberto, mesmo sendo algo constrangedor para a família. O tratamento adequado à criança ou adolescente vítima de abusos é indispensável, pois reduz risco de desenvolver sérios distúrbios psicológicos no futuro.

Os meios de comunicação de massa, em especial a TV têm grande influência sobre a juventude de uma forma geral, nesse sentido é importante que seja descoberto e divulgado qualquer ato de violência contra a criança ou o jovem. Como já vem sendo discutido a mídia tem seu papel e esclarecedor no caráter social, porém, vale salientar que apontemos outro aspecto, o qual na verdade tenta distorcer fatos e confundir crianças e jovens a um propósito indecente do que é considerado “normal e simples” diante do processo de desenvolvimento sexual e afetivo do ser humano, por isso é necessário enfatizar tal aspecto que prejudica a educação dos jovens.

E o que fazer para mudar tal realidade? Essa é uma questão bem pertinente, sugerindo como pais tomarmos algumas atitudes, como determinar horário para ver televisão, conversar com os filhos sobre suas dúvidas a esse respeito, enfim, procurar participar um pouco mais da vida dos filhos e, sobretudo alertá-los sobre as influências negativas da internet e presentes no meio social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho de pesquisa nos proporcionou ampliarmos nossos conceitos bem como auxiliou-nos na valorização do contexto social dos educandos. No decorrer da análise, vimos então que a partir da conceituação da educação doméstica e do conhecimento de sua importância no desenvolvimento global serão apontadas possibilidades e os limites da atuação nesse campo de como aconteceu a formação dessas mães de família para podermos entender e abordar claramente como chegam as nossas escolas adolescentes, trazendo consigo diversas influências sexuais e carregando por toda vida.

Enfim, diante de tudo que foi abordado ao longo dos discursos é possível perceber como é relevante família e escola atuarem juntas com o propósito de orientar melhor os jovens adolescentes quanto a sua sexualidade em formação, para assim estarem devidamente preparados para organizarem seus sentimentos e valores para uma vida sexual responsável e consciente.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BERGER, K. S. **O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais**. Brasília: MEC, 2008.
- BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual**. v. 10. Brasília: MEC, 1997.
- CRIVELARI, M. **Trabalhar a sexualidade: guia prático para professores de Ensino Fundamental**. São Paulo: Editora Lua, 2007.
- EGYPTO, Antônio Carlos. (org.) **Orientação sexual na escola – um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: v. 19: O ego e o id. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1999.
- GAUDERER, E. C. Abuso sexual de crianças e adolescentes. **Pediatria Atual**, 1991; 4: 38-57.
- MOÇO, Anderson. Gravidez precoce: questão de escolha, agora e no futuro. **Revista Nova Escola**, maio de 2008, São Paulo: Fundação Victor Civita.
- MONTEIRO FILHO, Lauro. 2005. **Violência sexual contra crianças e adolescentes**. Disponível em: <[http://www.observatoriodainfancia.com.br/printMateria.php3?id\\_article=71](http://www.observatoriodainfancia.com.br/printMateria.php3?id_article=71)>. Acesso em: 09 nov. 2014.
- MURARO, Igor. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papyrus, 2003.
- OLIVEIRA, Nina Eiras Dias de. 2005. **Sexualidade infantil**. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAGpoAK/sexualidade-na-escola>>. Acesso em: 08 nov. 2014.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

RIBEIRO, M. **Sexo sem mistérios**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999.

RIBEIRO, M. A.; FERRIANI, M. G. C.; REIS, J. N. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. **Cadernos de Saúde Pública**, 2004, 20(2), 456-464.

SILVA, Edna. Não dá para banalizar o sexo. **Jornal Mundo Jovem**, n. 321, outubro de 2001, Porto Alegre: PUCRS.

SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, A. W. **Psicologia do adolescente**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.